

# CAUSOS, MITOS, LENDAS E IDENTIDADE ETNICORRACIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE VOLTA GRANDE

Carlene Vieira Dourado<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. Arivaldo de Lima Alves

*Resumo:* O presente projeto de pesquisa, em sua fase inicial, objetiva identificar as representações sociais e as marcas culturais da Comunidade Quilombola de Volta Grande, município de Barro Alto-Ba, através da coleta de narrativas orais e observação participante. Propõe-se a investigar a identidade etnicorracial representada nas narrativas orais e memória quilombola. Em relação à fundamentação teórica, está sendo feita revisão bibliográfica sobre o conceito de cultura, a prática da história oral, comunidades quilombolas, raça e etnicidade. E como complementação teórica, será base para o estudo uma literatura voltada para a oralidade, uma vez que o corpus deste trabalho está focado na valorização da memória e o método para a realização deste é a história oral e sua técnica da entrevista. No que tange aos resultados, espera-se, identificar, mapear e analisar as marcas culturais da comunidade, bem como contribuir para a visibilidade e valorização da memória quilombola e para ampliar os estudos sobre o tema no universo da crítica cultural.

*Palavras-chave:* Comunidade quilombola. Crítica cultural. Identidade etnicorracial. Memória. Narrativas orais.

## INTRODUÇÃO

O interesse em realizar uma pesquisa sobre Comunidades Quilombolas não surgiu de forma aleatória, uma vez que a ideia de estudar um grupo social historicamente excluído parte de um processo ainda em fase de amadurecimento, iniciado a partir da graduação em Letras Vernáculas, há dez anos. Foi no universo das Letras, a partir do contato com disciplinas e teóricos, programas que tratavam da Cultura, sobretudo, a afro-brasileira que possibilitou e despertou o interesse por realizar esta pesquisa.

Além do registro da memória quilombola e da análise das representações culturais por meio das narrativas orais, o projeto justifica-se pela possibilidade de abrir espaço e registrar os lugares de fala dos remanescentes, refletindo sobre a consciência de sua situação enquanto grupo social historicamente marginalizado, expressa em seus discursos narrativos. O trabalho proposto se insere na linha 3- Narrativas, Testemunhos e Modos de vida.

Estudiosos sobre o tema, afirmam que a maior parte das pesquisas sobre a identidade quilombola vem sendo discutida, no Brasil, a partir da necessidade de lutar pela terra, pela conquista ou permanência em seus territórios ancestrais. A Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu artigo 68 das Disposições Constitucionais Transitórias, garante aos remanescentes das comunidades

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II, e-mail: karlenedourado10@hotmail.com.

dos quilombos que estejam ocupando suas terras, o reconhecimento da propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

Antes da aprovação deste preceito constitucional, a luta estava pautada na busca pelo direito à ocupação das terras quilombolas; conseguido, porém esse direito a partir da Carta de 1988, os conflitos ganham menos, uma vez que o tema até então tratado como questão fundiária, assume uma conotação mais ampla, abrangendo aspectos étnicos, históricos, antropológicos e culturais.

Embora o propósito dessa pesquisa não seja exclusivamente a realização de um estudo acerca da luta da comunidade pelo direito a posse da terra, há de se reconhecer que a visibilidade que as comunidades quilombolas estão tendo atualmente, seja acentuada devido ao processo de luta pelo reconhecimento de seus direitos territoriais.

Volta Grande trata-se de um povoado do sertão baiano identificado como uma comunidade rural negra que se compõe de pessoas que foram excluídas enquanto grupo social historicamente marginalizado, essa exclusão se deu de diversas formas, uma delas ocorreu em virtude de um sistema de dominação abrangente que inclui, entre outros aspectos, o fato de não dominarem o código linguístico legitimado pela sociedade, a escrita.

A proposta dessa pesquisa, portanto, é de realizar um estudo que dê visibilidade a sujeitos que foram marginalizados duplamente, tanto enquanto grupo social que foi historicamente silenciado, quanto por dominar (em sua maioria) apenas um código linguístico, justamente a oralidade, que não teve seu valor legitimado pela sociedade hegemônica. Nesse sentido, trabalhar com a coleta das narrativas orais significa oferecer também a possibilidade de retratar um contexto de práticas da cultura popular e nos faz perceber as marcas das tradições através da memória.

Assim, surge a seguinte problemática: De que forma as narrativas orais se constituem enquanto documento histórico-cultural e/ou político capaz de tornarem audíveis as vozes que foram silenciadas historicamente?

Esse questionamento se desdobra em outros: Será que essas vozes além de silenciadas não decidiram ou mesmo ainda escolheram o silêncio? Ou, assim como observa Jorge Carvalho (1996) sobre o Quilombo do Rio das Rãs, será que o silêncio e a invisibilização são uma estratégia de autoproteção das comunidades quilombolas? Os sujeitos desta pesquisa se autorreconhecem como descendentes de uma origem comum ou a autoidentificação da comunidade, expressa no pedido de reconhecimento encaminhado à Fundação Cultural Palmares em 2008 foi meramente um ato político ou com outros interesses? De que forma a ancestralidade pode ser representada nas narrativas orais? Os sujeitos têm consciência de sua situação de marginalizado socialmente e de que a memória

quilombola se constitui como um documento histórico importante na preservação da ancestralidade? Até que ponto a história oral traz elementos para o conhecimento da tradição cultural da comunidade?

O fato de trabalhar com o oral, na verdade com as duas modalidades, tanto as narrativas orais quanto a passagem destas para o código escrito, não significa privilegiar uma modalidade ou código linguístico em detrimento do outro. Valorizar as narrativas orais não significa dizer que haja negação dos paradigmas da literatura ocidental, ao contrário, compartilhando do pensamento de Paul Zumthor (1997), acredito que a relação do oral com escrito antes de ser excludente, é, na verdade complementar. Para ele há uma necessidade de se revisar os cânones literários ou pelo menos trazer para a cena epistemológica espaços não canônicos.

Dessa forma, será apresentado nesse “paper” um reflexo do projeto de pesquisa e das inquietações surgidas ao longo do curso, até o presente momento e a partir das discussões suscitadas após o estudo das disciplinas nos dois primeiros semestres do Mestrado em Crítica Cultural, as quais trouxeram noções teóricas que tem provocado indagações as mais diversas no âmbito geral da pesquisa.

## **2. O LUGAR DAS NARRATIVAS ORAIS E DAS MEMÓRIAS**

A modernidade tardia e principalmente o processo de mudança contínuo conhecido como globalização provocou um grande impacto cultural entre os povos, com isso, as sociedades modernas passaram a ser vistas como sociedade de mudança constante e rápida. Ao contrário destas, as tradicionais conforme Giddens (1991) são aquelas que veneram o passado e valorizam os símbolos porque estes contêm e perpetuam a experiência de gerações.

Podemos dizer que a comunidade estudada nesta pesquisa está inserida nesta última categoria de sociedade, pois, além de valorizar as tradições culturais dos antepassados, possui história comum e consciência de sua identidade, embora os quilombos modernos ou as comunidades remanescentes de quilombolas sofram os impactos da globalização, absorvendo influências de diversas outras culturas. Além disso, os fatores externos e dinâmicos que permeiam as comunidades sempre vão existir.

O fato de se configurarem como sociedades, que comumente preservam traços de ancestralidade, não implica e nunca implicou em isolamento, uma vez que desde os primórdios da formação dos quilombos a relação com o restante da sociedade sempre ocorreu. Essa afirmação é confirmada, inclusive, por Flavio Gomes (1996). Ao tratar da província do Rio de Janeiro no século

XIX, Gomes percebe que a interação dos quilombos com a sociedade era tão intensa que chegava até mesmo a modificar a vida dos ainda cativos.

Sofrendo influências de outras culturas ou não, a comunidade em questão, assim como muitas outras marginalizadas, tem suas manifestações e saberes culturais negligenciados ou pouco valorizados, principalmente pela cultura hegemônica. A partir desse pensamento e das demais noções teóricas suscitadas até aqui surgem inquietações várias, por exemplo, se os sujeitos desta pesquisa estão interessados em reconhecimento de sua cultura ou saberes pela sociedade hegemônica ou querem apenas assegurar seu direito de existência?

Ou ainda se a comunidade em estudo se configura como vítima pela exclusão, pelo sombreamento ou apagamento na história ou, por outro lado é protegida da exclusão e do apagamento da história pelo distanciamento social?

Enquanto Crítica cultural exercita-se aqui a práxis do pensamento de Bachelard (1996) quando este autor afirma que o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar. Para ele, é preciso saber formular problemas, o sentido do problema caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para ele todo pensamento é resposta a uma pergunta, se não há pergunta, não há conhecimento científico e um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado.

A reconstituição de suas histórias por meio da oralidade, o rebuscamento dos traços culturais através da memória, a que esse trabalho se propõe, se configuram como uma arma na luta pela afirmação da identidade cultural.

Propor uma análise, nesse sentido é, portanto, contribuir para visibilizar uma cultura marginalizada, oferecendo a possibilidade de tornar possíveis vozes que estão inaudíveis, que foram deixadas nas margens, sem levar em conta suas contribuições patrimoniais.

Significa trazer para os espaços de discussão e para toda a sociedade grupos que foram silenciados e dessa forma, contribuir para diminuir as desigualdades e preconceitos sociais, resignificando as nossas relações sociais e econômicas. Seria aqui a aplicação do método de Carlos Ginzburg (1990) que consiste em passar do conhecido para o desconhecido, trazendo para cena aquilo que foi negligenciado. E o que foi negligenciado neste sentido deve ser enxergado pelo espírito investigativo do qual o pesquisador precisa se dispor. E nesse momento o meu espírito investigativo encontra-se num estado de questionamentos e inquietações de níveis diversos, por exemplo, pensar a oralidade como discurso; o que diz o discurso, o que omite, o que faz ou inscreve socialmente? Como isto é feito? Como é articulado linguisticamente?

### 3. ANDAMENTO DA PESQUISA

Em pesquisas ao site da Fundação Palmares e ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) órgãos responsáveis, respectivamente, pelo reconhecimento, certificação, demarcação e titulação das terras ocupadas por comunidades tradicionais e quilombolas, constata-se a existência de quatro comunidades remanescentes de Quilombos certificadas no município de Barro Alto-Ba, dentre as quais, a comunidade de Volta Grande, tem como fator característico, a participação e realização ativa em eventos culturais, fato este que motivou minha escolha para a pesquisa.

Tenho acompanhado alguns desses eventos, os quais a comunidade realiza como os festejos da festa da padroeira, realizado em junho, o encontro da troca de sementes crioulas, o encontro da consciência negra, todos realizados pela comunidade, com a participação de comunidades quilombolas vizinhas, principalmente os dois últimos eventos.

Em relação ao andamento da pesquisa, esta se encontra na fase da escritura do primeiro capítulo da dissertação, sob o título provisório *Identidade Quilombola*, onde estão sendo abordadas discussões acerca dos inúmeros conceitos de quilombo a partir do tópico 1 “*O Quilombo não é um lugar de Escravo fugido*”.

Para isso, foi feito previamente uma revisão de alguns estudos sobre quilombos, onde o embasamento maior que tive até agora, foram os estudos realizados por José Jorge Carvalho sobre o quilombo do Rio das Rãs, onde ele trata da luta da comunidade pelo direito da propriedade da terra e pelo reconhecimento. Carvalho (1996) faz ainda uma abordagem geral sobre a história dos quilombos nos continentes americanos e no caribe.

Na confecção do sumário, pensei para o tópico 2 do capítulo 1 da Dissertação abordar os aspectos geográficos, econômicos e culturais da comunidade em estudo, investigar como os quilombolas se veem no processo de mudança da comunidade de rural negra para remanescente de quilombo; pensei ainda numa abordagem da cor, raça e a etnia como constitutivos identitários dos quilombolas;

No que tange às abordagens relacionadas à oralidade e memória, pretendo realizá-las no segundo capítulo, após estudos mais aprofundados sobre essas temáticas, estudos das obras de Paul Zumthor com seus debates sobre a voz; Jerusa Pires com suas abordagens sobre o conceito de memória individual e coletiva; Maria Inez Ayala e Peter Burke com os estudos sobre cultura popular; José Carlos Sebe Bom Meihy com os estudos, métodos e manuais de história oral, além de outras

leituras complementares e pertinentes para a pesquisa. E para o terceiro capítulo, pensei tímida e provisoriamente, em realizar a análise e interpretação das narrativas orais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização de leituras acerca da identidade quilombola suscitou indagações diversas, e revisão de conceitos e posições, uma vez que o contato com a comunidade durante os primeiros passos da pesquisa implicou numa quebra de expectativa em relação ao que se imaginava enquanto comunidade quilombola. Durante a realização da pesquisa tem se percebido que alguns elementos da cultura afro-brasileira não são preservados como se pensava. Por exemplo, as práticas religiosas não trazem em sua maioria, elementos de “matriz africana”, ou melhor, de “orientação africana”. Esta noção “orientação africana” é defendida por Lima & Alves (2013), para contrapor a noção de “matriz africana”, que conforme os autores, “remete a um ideal de pureza polemizado pelos praticantes e pela literatura específica, assim como remete a uma ideia vaga de todo o continente africano”.

Na realidade, não poderia realmente haver uma homogeneidade ou preservação intacta de elementos culturais de “matriz africana” como as práticas religiosas desta e de outras comunidades quilombolas, uma vez que conforme os autores supracitados e ainda de acordo com o pensamento de Mintz & Price (2003) não existe nem pôde existir uma pureza ou preservação intacta dos grupos étnicos. Isso se deve a várias circunstâncias, a começar pelo próprio processo de transporte no tráfico de escravos da África para a América, quando os grupos étnicos africanos eram propositadamente separados para evitar uma tentativa de unificação e preservação de quaisquer manifestações culturais desses grupos e também para romper qualquer tentativa de resistência. O que resta é pesquisar que impactos a comunidade sofreu, como os remanescentes percebem essa mudança em seus modos de vida e se têm consciência destas mudanças.

Mesmo diante dessa percepção, os questionamentos ainda se desdobram. Por exemplo, há uma dúvida em relação ao processo de formação cultural da comunidade quilombola e o consequente contato com elementos da cultura hegemônica, será que esse contato implicou numa modificação das manifestações e outros modos de vida da comunidade? E quais as consequências, as implicações no modo como a comunidade se constituiu e se mantém como tal?

Até o presente momento, de forma superficial ainda, constatou-se que sim, que houve mudanças, porém, a pesquisa precisa se aprofundar para perceber se essa mudança resultou em algo negativo e ainda se outros elementos como a culinária, o modo de lidar com a agricultura e outras

manifestações culturais passaram também por processos de mudança a ponto de fragmentar a identidade etnicorracial.

Ou ainda o fato das comunidades quilombolas não se constituírem integralmente de elementos da cultura afro-brasileira significa a desvalorização dos traços ancestrais e valorização da cultura hegemônica?

Enfim, a tessitura deste *paper* reflete o estado ao qual se encontra minha progressão enquanto crítica cultural, uma fase de leituras que me levam a inquietações, questionamentos sobre o fazer cultural, afinal findei o segundo semestre, embora tenha dado apenas os primeiros passos até agora.

O programa do Pós-Crítica, sobretudo, as leituras, as disciplinas e os diálogos durante as aulas foram os responsáveis mais diretos pelo meu amadurecimento e pelas possibilidades que me foram concedidas de escolher experienciar modos de pesquisa que servirão de estratégias de visibilização do silenciado e apagado pelo modo hegemônico de pesquisar. Seguir por esse caminho, de trazer para a cena grupos sociais historicamente excluídos pelo modelo de dominação hierarquizador é partilhar do pensamento de Ginzburg (1990), pois para ele se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.

## REFERÊNCIAS

- AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura Popular no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BHABHA, Homi K. A outra questão. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, p. 105-128.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Trad. Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.
- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Trad. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- CARVALHO, José Jorge. Prefácio. In: CARVALHO, José Jorge (Org.). *O Quilombo do Rio das Rãs. Histórias, Tradições, Lutas*. Salvador: EDUFBA, 1996.
- CASCUDO, Luís Câmara. *Literatura oral no Brasil*. Itatiaia: São Paulo: EDUSP, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. 2 ed. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

- COSTA, Edil Silva. *Ensaio de malandragem e preguiça*. Tese apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica. São Paulo, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 7-37.
- DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia – Entrevista a Julia Kristeva. In: *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. RJ: DP&A, 2003.
- LIMA, Ari. A chegada dos negros às universidades públicas: revezes da raça e novos desafios. In: PINHEL, André; COSTA, Hilton; SILVEIRA, Marco Silva da. (Org.). *Uma década de políticas afirmativas: panorama, argumentos e resultados*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011, v. 1, p. 1-247.
- LIMA, Ari e ALVES, Nana Luanda M. *Vozes negras no candomblé baiano: Quando a raça importa e quando a raça não importa*, 2013. Revista Nau Literária: Crítica e Teoria de Literaturas. Porto Alegre, RS. v.9, n. 1, jan/jun 2013. PPG-LET-UFRGS, 2013.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Memória e identidade. In: *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. *O Nascimento da Cultura Afro-americana: Uma Perspectiva Antropológica*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Pallas/universidade Cândido Mendes, 2003.
- MOREIRA, Osmar. *Oswald de bolso: crítica cultural ao alcance de todos*. Salvador: UNEB/ Quarteto, 2010.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.
- MUNANGA, Kabengele. *Nosso racismo é um crime perfeito*. Fórum. São Paulo. Ano 8, n. 77, ago/2009.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 5. 1992.
- REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio*. História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- SILVA, Gilvan Barbosa da. *Comunidades Quilombolas: o reconhecimento e a autoidentificação frente ao processo de globalização e a massificação cultural*. Dissertação apresentada à Universidade do Estado da Bahia para obtenção do título de Mestre em Crítica Cultural. Alagoinhas-Ba, 2011.
- ZUMTHOR, Paul. Presença da Voz. In: *Introdução a Poesia Oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Hucitec, 1997.